

PAISAGEM: SÍNTESE DAS HERANÇAS DA RELAÇÃO DA SOCIEDADE COM O ESPAÇO

Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza

Professora Adjunta (Livre-docente) do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Departamento de Geografia – UNESP/Rio Claro

INTRODUÇÃO

Existem diversas maneiras de analisar o espaço geográfico – objeto central da ciência geográfica. Para a geografia, o espaço geográfico é uma totalidade, complexa e em constante transformação. Para compreendê-lo, existem algumas categorias de análise que auxiliam os diferentes estudos, tais como paisagem, lugar, região e território. Essas categorias podem sofrer recortes escalar, neste caso, revelam partes, momentos, enfim fragmentos da apreensão do espaço geográfico.

Existem ainda várias abordagens das diversas categorias que podem indicar diferentes concepções metodológicas. A multiplicidade de visões sobre paisagem, lugar, região e território tem sido, nos últimos anos, encarada como uma pluralidade que enriquece as interpretações geográficas. O mais importante é reconhecer que, embora exista uma visão plural na geografia contemporânea, é notável uma preocupação comum em buscar complementaridade entre as diferentes categorias. Essa busca representa uma forma que a geografia tem encontrado de avançar no conhecimento, elaborando teorias e contribuindo, assim, para a compreensão da realidade socioespacial.

A categoria de análise paisagem, foco analítico deste texto, constitui-se como um dos desafios mais instigante e central da Geografia, e embora, a maneira de ser entendida tenha sofrido grandes mudanças no tempo, a sua essência se mantém até os dias atuais. A compreensão da Paisagem sempre representou para os geógrafos um caminho importante para o entendimento do movimento do tempo impresso no espaço geográfico. Desde Paul Vidal de

La Blache, que entendia a paisagem como aquilo que o que o olho abarca com o olhar, muitas alterações ocorreram no modo de pensar essa categoria de análise.

CONCEITUAÇÃO GEOGRÁFICA DA PAISAGEM

Atualmente, dado ao amadurecimento da reflexão geográfica, é possível entender a paisagem como materialidade das relações sociais. Aliás, quando analisada no contexto do cotidiano, a paisagem revela as representações da natureza e dos seus significados. Nela, a identidade socioespacial ganha vida. Vista desse modo, ela representa uma síntese temporal que deve ser historicamente contextualizada.

É muito difícil escolher as melhores definições para essa categoria de análise, toda revisão conceitual apresenta grande nível de subjetividade, pois ao selecionar alguns autores a serem citados, sempre excluímos outros. Desse modo, apresentamos a seguir a visão de alguns autores sobre a categoria paisagem sem ter a pretensão de esgotar a rica e múltipla contribuição que muitos outros autores trouxeram para a geografia.

Pierre George (1970) define a paisagem como a porção do espaço geográfico analisada visualmente. Com essa citação, observamos que o referido autor insere a importância da análise em complementação à descrição que vinha sendo aplicada nos estudos geográficos. Ou seja, para compreender a paisagem, não basta apenas descrevê-la, cabe também analisá-la.

Bertrand tem uma visão sistêmica da paisagem e nos coloca que

[...] a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND, 1971, p. 2).

Frémont (1974) retira os véus da neutralidade no processo de interpretação da paisagem, quando afirma que paisagem não é um simples 'objeto' nem o olho que a observa uma lente fria de 'objetiva'.

Notadamente, a "nova" Geografia Cultural apresentou originais enfoques teórico-metodológicos para o estudo da paisagem. Sauer (1998), nesse contexto, define a paisagem como objeto de estudo da geografia cultural. Para ele, a paisagem geográfica é vista como um conjunto de formas naturais e culturais, associadas em uma dada área e, desse modo, deve ser analisada morfológicamente, considerando-se a integração das formas entre si e o caráter orgânico ou quase orgânico dela.

Corrêa e Rosendahl (1998) remetem a Sauer para colocar que o tempo é uma variável fundamental para a análise da paisagem, pois segundo o estudioso a “[...] paisagem cultural ou geográfica resulta da ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem natural. [...] paisagem como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais”. (SAUER, 1998, p. 9)

GOMES (1996) também avalia a contribuição de Sauer e coloca que ele acreditava que, por meio do estudo da paisagem, as oposições seriam resolvidas física/humana e geral/regional, e até mesmo a inexistência de um método próprio seria resolvida. Assim, paisagem deveria ser o objeto fundamental da pesquisa geográfica.

Duby (1980) também apresenta uma visão cultural da paisagem, quando afirma que ela é a inscrição no território da globalidade de uma visão de mundo.

Berque (1998, p. 33) valoriza o movimento subjetivo e experiencial que está integrado na concepção de paisagem. Para ele, a “[...] paisagem é uma marca, porque exprime uma civilização; mas também é uma matriz, porque participa de sistemas de percepção, concepção e ação – isto é, da cultura – que canalizam certo sentido a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza”.

Paisagem é o contexto visual da existência cotidiana, segundo Relph (1990).

Milton Santos (2002), em sua vasta obra, remete à categoria paisagem, diversas vezes, sempre procurando aprofundar seu entendimento. De modo geral, ele concebe a paisagem como a expressão materializada do espaço geográfico, interpretando-a como um conjunto de formas, que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza.

Estes, entre outros autores, deram a base da construção do pensamento geográfico no tratamento metodológico da paisagem. Por meio de um aprofundamento teórico, o estudo da paisagem foi ganhando importância para as pesquisas geográficas, tendo atualmente o significado de um conjunto de objetos reais concretos.

DECOMPOSIÇÃO E LEITURA DA PAISAGEM

Para transpor a visão científico-conceitual da categoria paisagem e utilizá-la como componente essencial no ensino de geografia nas séries iniciais, faz-se necessário observar que ela não é um simples amontoado de elementos geográficos desordenados. Antes, apresenta-se como o resultado de um movimento temporal e espacial que vai construindo uma combinação dinâmica de elementos biológicos, físicos e humanos (sociais), que são consecutivamente transformados.

Os alunos devem ser levados a compreender que a geografia como ciência social deve valorizar a ação da sociedade na paisagem e, neste sentido, a observação e a interpretação da paisagem são os pontos de partida na metodologia de ensino que tenha como foco o entendimento da paisagem. Isso porque, pela paisagem, podemos decodificar as relações entre sociedade e natureza, materializada no espaço, o que nos ajuda a compreender melhor o mundo em que vivemos.

É nessa valorização da apropriação do espaço pela sociedade que reside o grande diferencial da interpretação geográfica da paisagem de outras áreas do conhecimento. Ao geógrafo cabe ler a sociedade pela paisagem que esta produz, dito de outro modo, na paisagem está contida a história da relação sociedade-natureza.

Cortez e Ortigoza (2006), ao fazer a leitura da paisagem, colocam que por meio dela pode-se enxergar a qualidade ambiental e de vida das pessoas que habitam o lugar.

Para outros cientistas das áreas biológicas, físicas e exatas, compreender a paisagem significa apontar os elementos físicos, biológicos e antrópicos que desvendam sua dinâmica. Para o geógrafo, isto não basta, tem que vincular essa dinâmica natural com a complexidade social e é esse o desafio mais instigante de trabalhar com essa categoria de análise.

No mundo contemporâneo, pela sucessão e acúmulo de tempos, as paisagens passam a apresentar grandes diversidades fisionômicas, as quais expressam o desenvolvimento econômico e produtivo predominante na sociedade em que elas estão inseridas. Isto porque as formas de apropriação do espaço urbano se desenvolvem de maneira contraditória, na medida em que todas as relações socioespaciais se articulam de forma desigual e combinada.

A abordagem da paisagem tem, nos dias de hoje, cada vez mais um aporte multidisciplinar, o que tem contribuído para uma mudança em sua compreensão. Muitos geógrafos têm seguido interpretações que indicam esta multidisciplinaridade, apesar de ocorrerem diversas críticas em torno dessa abrangência teórica, essas tendências têm apresentado uma continuidade nos enfoques contemporâneos da paisagem.

Essa visão multidisciplinar tem trazido à tona uma polêmica para a geografia sobre a existência ou não da paisagem natural. Alguns geógrafos ainda indicam a existência da paisagem natural, outros denominam essas paisagens menos intocadas, como paisagem selvagem. Mas a grande maioria dos geógrafos acredita que, embora existam algumas paisagens ricas em elementos naturais, estas não podem ser reconhecidas como natural, haja vista que todas paisagens do nosso planeta já foram possuídas, mapeadas e são constantemente vigiadas por satélites. Desse modo, mesmo aquelas paisagens menos transformadas pelos homens já foram apropriadas pelo Estado, mercado e sociedade, assim, a própria preservação pode significar reserva de valor (ambiental, econômico, político) para o futuro.

A PAISAGEM COMO RESULTADO DA APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO E DA DINÂMICA SOCIOESPACIAL

Nesta parte do texto, assumimos a ideia de que, no mundo contemporâneo, todas as paisagens sofrem de forma direta ou indireta a ação social e, portanto, todas podem ser consideradas paisagens humanizadas, construídas, transformadas.

A transformação mais significativa da paisagem inicia-se com o processo de industrialização que passa a requerer matérias-primas e novos espaços para ampliar a produção em nível global. Com essas premissas produtivistas, a industrialização se generaliza pelo mundo todo e se consolida de forma mais eficaz no sistema capitalista de produção.

O conteúdo central do capitalismo é a apropriação do espaço para a produção e reprodução do capital. Nesse sentido, o espaço é também transformado em mercadoria e a paisagem passa a ser constantemente transformada para a plena realização do capital.

Diante desses pressupostos, nesta parte do texto daremos mais atenção à paisagem urbana, pois é aquela capaz de revelar de forma mais nítida a produção capitalista do espaço. Para tanto, temos que ultrapassar o entendimento de paisagem apenas como forma, conforme nos adverte Carlos (1994, p. 36):

Enquanto forma de manifestação do urbano, a paisagem urbana tende a revelar uma dimensão necessária da dimensão espacial, o que implica ir além da aparência; essa perspectiva da análise já introduziria os elementos da discussão do urbano entendido enquanto processo e não apenas enquanto forma. A paisagem de hoje guarda momentos diversos do processo de produção espacial, os quais fornecessem elementos para uma discussão de sua evolução da produção espacial, e do modo pelo qual foi produzida.

A paisagem urbana é, portanto, a materialização das complexas relações entre sociedade, natureza, política e economia construídas no tempo-espaço da cidade. Ou seja, essa paisagem é produto dos conflitos gerados por essas inter-relações, ao mesmo tempo em que é produto, também reproduz novas contradições. Esse entendimento de paisagem nos ajuda a compreender a dificuldade de reurbanização das favelas, pois essas medidas não dependem somente de uma vontade política, pois envolvem muitos outros aspectos materiais e imateriais.

As paisagens mostram-se altamente racionais, pois passam a representar muitas vezes os interesses instrumentais do Estado e do Capital,

“[...] o que está em jogo é o poder do capital simbólico coletivo, isto é, o poder dos marcos espaciais de distinção vinculados a um lugar, dotados de um poder de atração importante em relação aos fluxos de capital, de modo mais geral” (HARVEY, 2005, p. 233).

Por meio das intervenções urbanas, o Estado exerce forte pressão na paisagem e sedimenta a intencionalidade na geração de imagens. A paisagem passa a estimular ou inibir as oportunidades econômicas. Assim, conforme Harvey (1998, p. 91-92):

[...] as cidades e lugares hoje tomam muito mais cuidado para criar uma imagem positiva e de alta qualidade de si mesmos, e têm procurado uma arquitetura e formas de projeto urbano que atendam a essa necessidade. (...) Dar determinada imagem à cidade através da organização de espaços urbanos espetaculares se tornou um meio de atrair capital e pessoas (do tipo certo) num período (...) de competição interurbana e de empreendedorismo urbano intensificados.

O *city marketing* é outro mecanismo que transforma a paisagem urbana, pois consiste na divulgação dos pontos positivos da cidade e sua incorporação vem adjetivando as cidades em cidade-mercadoria, cidade-empresa, cidade-espetáculo, cidade competitiva. Curitiba é um exemplo brasileiro claro desse processo. Segundo Sánchez (2003, p. 367),

[...] outra pressão que tem sido apontada sobre a paisagem urbana se refere ao empresariamento das práticas de gestão que caminha em direção à transformação da cidade em mercadoria, baseada na lógica mercantil da produção do espaço e na racionalidade produtivista. A cidade aparece, no plano da imagem construída para vendê-la num mercado mundial, como expressão material dessa lógica, mas também, simultaneamente, como afirmação ideológica da inexorabilidade dos caminhos a serem perseguidos.

A existência da cidade-mercadoria pressupõe a criação de uma paisagem embelezada, positiva e agradável. Curitiba, através de um longo processo de planejamento urbano voltado para o *city marketing*, produziu vários parques, melhorou a circulação urbana e valorizou a cultura, tudo visando “à venda” da paisagem. Na cidade-mercadoria, a paisagem é a parte mais valorizada.

A paisagem, por meio das apropriações efetivas dos lugares, vai incorporando as inovações técnicas, a modernização e os projetos dominantes de intervenções estratégicas do Estado. Estado e mercado juntos também contribuem para a construção da paisagem. Contudo, a sociedade tem uma forte pressão sobre a paisagem. Assim, devido à sua heterogeneidade, cada paisagem é única, embora sofra pressões globais do mercado e do Estado em sua produção. A sociedade, por meio de sua identidade, resiste, libera ou se acomoda, moldando a paisagem segundo as diferentes formas de apropriação.

Diante do exposto, devemos enfatizar, na interpretação da paisagem, tanto o papel do homogêneo e do global, quanto as complexas interações locais/globais que a vida social permite. Sob o primeiro prisma, é importante compreender que, na cidade contemporânea, as alterações na paisagem são mais impactantes, pois a hegemonia do capital enriquece os símbolos e as relações socioespaciais passam a ser mediadas por mercadorias. A paisagem passa a ter um significado essencial, baseado na lógica da reprodução do capital.

A cidade do capital revela, em sua paisagem, uma articulação definitiva com a dinâmica do consumo. Sua arquitetura é também veículo de troca, seus signos permitem uma simulação da cultura e da vida urbana. A cidade fornece as bases materiais para o projeto urbano do mundo das mercadorias e, desse modo, atende às necessidades do capital. (ORTIGOZA, 2010).

Com base no acúmulo do conhecimento geográfico e nas diversas reflexões sobre o tema, podemos dizer que a paisagem é a produção do espaço que consubstancia os valores, as ideias, as culturas, os sistemas de produção, os modos de vida de uma sociedade, em um determinado momento histórico. Desse modo, é uma categoria de análise geográfica que permite analisar e decodificar a realidade em diferentes escalas. (ORTIGOZA, 2010).

A paisagem é um objeto teórico de grande relevância para a geografia, capaz de revelar o nível das representações visuais do mundo moderno. A paisagem é como uma síntese de experiências políticas, econômicas e culturais em constantes mutações.

Carlos (2000, p. 26) afirma que o “[...] processo de constituição da sociedade urbana produz transformações radicais nas relações espaço-tempo que se dão no plano do vivido enquanto a paisagem urbana aponta para a existência de formas sempre cambiantes.”

Com a paisagem vista desse modo, podemos antever o grande desafio que está posto para qualquer geógrafo que queira enxergar as formas de apropriação e de expressão do espaço geográfico na paisagem construída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A categoria de análise paisagem tem uma forte imbricação com o conhecimento geográfico, mas ela vem sendo interpretada sob a ótica de diversas abordagens. Nos anos mais recentes, a paisagem tem sido contemplada como objeto de análise das mais diversas áreas do conhecimento, tendo adquirido, portanto, um caráter multidisciplinar.

Assim, o principal desafio para o ensino de geografia consiste em desenvolver metodologias para a observação e análise da paisagem, esta tarefa é bastante instigante, mas prevê diversos desafios, pois a paisagem é complexa, devido à amplitude de relações que estão materializadas.

As atividades didáticas que tenham como foco a paisagem devem procurar desenvolver no aluno capacidade de construir uma leitura dos significados da paisagem, decompondo todos os conteúdos que ela expressa, sejam eles naturais, sociais ou culturais.

A observação é o primeiro passo para a leitura e análise da paisagem. Desse modo, as pesquisas devem elaborar estudos de casos concretos, com o objetivo de aprofundar o conhecimento das dinâmicas. A observação sistemática de campo, seguida da descrição, representa um momento valioso para o avanço das discussões sobre a paisagem.

As etapas para se chegar a uma compreensão aprofundada da paisagem são: observação, descrição, decomposição, leitura, interpretação e análise.

A ideia central é identificar e compreender as especificidades, e as generalidades, tendo como base a complexidade dos problemas socioespaciais a serem analisados. Para tanto, elaborar questões e construir reflexões críticas sobre a paisagem que se vê representam um caminho metodológico.

Martins (MARTINS, 1996, p. 21), ao avaliar o método Lefevriano de análise, revela que:

A complexidade horizontal da vida social pode e deve ser reconhecida na descrição do visível. Cabe ao pesquisador reconstituir, a partir de um olhar teoricamente informado, a diversidade das relações sociais, identificando e descrevendo o que vê.

Essa valorização da descrição é plenamente aplicada na leitura da paisagem. O momento descritivo contribui para que se possa colocar em evidência alguns aspectos que, em um simples olhar, poderiam passar despercebidos.

Quando focamos a paisagem, observamos um emaranhado espacial de usos, funções e representações, pois é uma categoria estruturada e estruturante da vida urbana. A paisagem materializa a produção e reprodução socioespacial. A paisagem é, portanto, a síntese das heranças da relação da sociedade com o espaço.

REFERÊNCIAS



BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p. 84-91.

BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global** – esboço metodológico. Tradução Olga Cruz. São Paulo: IGEOUSP, 1971. 27 p. (Cadernos de Ciências da Terra, 13).

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole**. 2000. 368f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CORTEZ, A. T. C.; ORTIGOZA, S. A. G. Paisagem e Geografia: Dinâmicas Sócio-espaciais e qualidade de vida. In: GIOMETTI, A. B. dos R.; PITTON, S. E. C.; ORTIGOZA, S. A. G. (Orgs.). **Pedagogia cidadã**: cadernos de formação, ensino de geografia. São Paulo: UNESP/PROGRAD, 2006, p. 51-64.

DUBY, G. et al. Idéias contemporâneas. In: LE MONDE. **Entrevistas do Le Monde**. São Paulo: Ática, 1980, p. 90-98.

FRÉMONT, A. Lês profondeurs des paysages géographiques autours d'ecouves dans le Parc Régional Normandie-Maine. **L'Espace Géographique**, Paris, v. 3, n. 2, p. 127-136, 1974.

GEORGE, P. **Dictionnaire de la géographie**. Paris: Presses Universitaires, 1970.

GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MARTINS, J. S. (Org.). **Henri Lefèbvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

ORTIGOZA, S. A. G. **Paisagens do Consumo**: São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 232p. Disponível em: http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl_id=127. Acesso em: 06 jun. 2012.

RELPH, E. **A paisagem urbana moderna**. Tradução Ana MacDonald de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1990.

SÁNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades**: para um mercado mundial. Chapecó: Argos, 2003.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

SAUER, Carl O. A Morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 12-74.